

Queda nas vendas provoca falências e demissões

São Paulo — Uma rápida análise dos indicadores econômicos do setor produtivo mostra que chegou a “terceira onda recessiva” deste Governo. O número de desempregados e de trabalhadores em férias coletivas, em pleno mês de outubro, cresce à medida em que caem as vendas. Queda que, aliás, pela primeira vez atinge também a indústria. Sobem os juros, na mesma proporção em que a inflação continua em alta, e o nível de ociosidade aumenta na mesma velocidade em que sobe o número de pedidos de falência e de concordata.

Só na primeira quinzena de outubro, foram nove concordatas requeridas na cidade de São Paulo. Praticamente o dobro, em comparação ao mês anterior, setembro, quando foram cinco pedidos. Os títulos protestados tiveram uma aceleração na média diária, que passou de dois mil 200, em setembro, para dois mil 427 neste mês. As falências também aumentaram: 261 nesta quinzena, contra 225 em setembro, e 79 em outubro do

ano passado.

Para o presidente da Associação Comercial de São Paulo, Antonio Roberto Alves Braga, “o aumento dos pedidos de concordata é sintoma das dificuldades das empresas em conviver com os altos custos financeiros”. De acordo com levantamento realizado pela Diretoria de Análises Econômico-Financeiras da Serasa — que presta serviço de informação aos bancos —, metade das empresas teve queda real de vendas, nos primeiros seis meses deste ano, em comparação a igual período do ano passado. A quantidade de empresas que operaram com lucro em 1991, atingiu apenas 49 por cento do total, enquanto que, em 1990, correspondia a 67 por cento.

Desemprego — O único índice que continua em queda na economia nacional é o que mede o nível de emprego. De acordo com o levantamento da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), esse índice foi negativo na primeira semana de outubro: menos 0,1 por cento — ou menos 173 trabalhadores em-

pregados, só na cidade de São Paulo. O acumulado no ano chega a menos 5,18 por cento e menos 8,87 por cento, nos últimos 12 meses. Em números, isso significa 97 mil 271 trabalhadores desempregados nos últimos dez meses, e 172 mil 884 desempregados nos últimos 12 meses.

Pelos dados da Associação Brasileira da Indústria da Alimentação (Abia) é possível verificar que, além de desempregado, o brasileiro está comendo menos nos últimos meses. As vendas reais das indústrias da alimentação tiveram uma queda de 4,6 por cento em setembro com relação a julho. O nível de emprego no setor, em consequência da retração do nível de atividade, apresentou sua segunda redução consecutiva.

“Nos nossos piores momentos, a ociosidade, historicamente, é de 20 a 25 por cento. Agora, já estamos com 30 por cento de ociosidade registrados”, comenta o presidente interino da Abia, Danti Gallian Neto. “Enquanto o Governo não se convencer de que juros

são fatores importantes na composição de preços, continuará fornecendo combustível para a inflação”, sentencia. De cada produto vendido, 33 por cento do preço representa custo, outros 33 por cento, impostos, e mais 33 por cento de juros, de acordo com sua contabilidade.

Sobre as remarcações desenfreadas tanto por parte da indústria como por parte do comércio, Gallian defende a iniciativa privada argumentando que “a culpa é do Governo”, que não tem credibilidade e portanto cria um clima de expectativa que leva às remarcações. É claro que o empresário não deixa de ter um raciocínio válido neste caso, mas, quando o Governo chamou-os para conversar, nas câmaras setoriais, foram os empresários que desrespeitaram o “acordo de cavalheiros”.

Baixo volume — Paulo Vellinho, presidente da Associação Brasileira da Indústria de Eletro-Eletrônica (Abinee) diz que as indústrias do setor têm sido as mais penalizadas. “Em setembro, tivemos uma

queda de 41 por cento na linha de imagem e som, com relação a agosto, e 25 por cento de queda na linha de geladeiras e freezers”, contabiliza. Um fato importante neste setor, é que os estoques do comércio estão muito abaixo do normal, e isso significa que, ao menor aquecimento da demanda, haverá um alívio para a indústria.

A iniciativa da Abinee para concretizar essa esperança está no lançamento, há uma semana, de uma campanha publicitária de incentivo ao consumo. As peças — veiculadas em emissoras de tevê, rádio, jornais e revistas, de apelo popular, pode não salvar a pátria dos fabricantes de eletro-eletrônicos, “mas foi a melhor resposta que encontramos para dar ao Governo”, comenta um empresário do ramo.

O próprio Governo tem sido vítima de sua política recessiva (embora Francisco Gros tenha dito, na terça-feira passada que “não há política econômica recessiva coisa nenhuma”). A arrecadação, no âmbito federal, caiu 35 por cento no último mês.